



**Pati Rocha conta
seu primeiro Dedo
E mais...
Serra Fina
ATM 2009
Idade da Pedra**

Patricia Rocha no cume do Dedo de Deus, maio 2009.



EXPEDIENTE 2009

Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

Vice-Presidente:

Luiz Antonio Puppim

Secretário:

José de Oliveira Barros

Tesoureiras:

1-Monica Esteves

2-Gabriela Melo

Diretor Técnico:

José de Oliveira Barros

Supervisão Técnica:

Rafael Villaça

Daniel Schultz

Diretora Social:

Liane Leobons

Auxiliar Dir. Social:

Salomyth Fernandes

Diretor de Ecologia:

Domingos Sávio Teixeira

Diretora de Divulgação:

Vago

Conselho Deliberativo**Presidente:**

Nino Bott de Aquino

Conselho Fiscal:

Carlos Carrozzino

Gustavo Iribarne

Maria Aparecida (Cida) Gama

Boletim Informativo do CERJ

Diagramação: Waldecy Lucena

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Escalar é um esporte de risco.

O CERJ é construído dia a dia. Nosso CERJ vive atualmente a o seu septuagésimo ano de existência. São setenta anos de muitas expedições, histórias mil, perrengues, grandes momentos, amizades, desentendimentos, em fim, setenta anos de tradição e história no montanhismo brasileiro.

Se hoje podemos contar nossas histórias, aprender com nossos veteranos, buscar informações sobre aquela trilha, ou o croqui daquela via de escalada, é porque o CERJ possui uma sede onde todo esse conhecimento pode ser guardado e colocado à disposição de todos. Mais que isso, o CERJ possui uma estrutura que, graças aos esforços e dedicação de muitos – a quem nunca cansamos de agradecer – permite que o clube funcione.

E assim o CERJ tem passado de geração em geração, evoluindo a cada dia de sua existência, sendo construído e solidificado em cada um desses dias por pessoas que, juntas, formam três dos quatro pilares do clube: o corpo de associados, o corpo de guias e a diretoria.

O quarto, e último pilar, é a saúde financeira do clube. Manter setenta anos de tradição acarreta em custos financeiros inevitáveis: o condomínio e as fatídicas cotas-extras, o famigerado IPTU, telefone, compra de material técnico, manutenção da sede, ou seja, toda sorte de despesas necessárias à preservação do passado, à manutenção do presente e à construção do futuro.

E cabe a cada um de nós associados, interessados em que o CERJ continue sua existência, em zelar pela preservação desse patrimônio mantendo suas contribuições em dia. É com o esforço de todos que já começamos a preparar nosso CERJ para seus oitenta, noventa, cem e - quem sabe - duzentos anos. Pois é agora, com atos simples, no dia a dia, que construímos e fortalecemos nosso clube e suas tradições.

Programação

DATA	ATIVIDADE	LOCAL	CLASSIFIC.	GUIA
03/05	Mutirão de Reflorestamento	Pão de Açúcar	Atividade ecológica	Sávio
10/05	Anhanguera	PNT	Caminhada Leve	Norminha e Muniz
16/05	Seio Mulher de Pedra	PETP	Caminhada pesada	João Paulo
16/05	Travessia Petro x Tere	PNSO	Caminhada pesada	Wal
16/05	Pedra da Cruz	PNSO	Caminhada semi-pesada	Norminha
06/06	Pedra do Sino	PNSO	Caminhada Semi-Pesada	Rafael
06/06	Papudo	PNSO	Caminhada Pesada	João Paulo
07/06	Pedra da Cruz	PNSO	Caminhada Pesada	Daniel Schulz
07/06	São Pedro x Mirante do Inferno	PNSO	Caminhada Pesada com rapel	Rafael
07/06	Diabinho	PNSO	Caminhada Pesada c/ escalada	João Paulo e Zé
07/06	Agulha do Diabo	PNSO	Escalada 3 IV	Wal e Rodrigo Show

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Maio

- 01 - Gustavo de Paula
- 02 – Ana Claudia Diniz
- 04 – Alfredo da Costa Neto
José Carlos Muniz Moreira
- 06 – Ronaldo Paes
- 09 – Eneida Arent
- 10 – Rogério Thees
- 13 – Domingos Sávio Teixeira
Eval Olympio Egito
- 14 – Carlos Alberto Carrozzino
- 16 – Walter Chaverry Velloso
-- Diego Scofano Moura Mello
- 17 – Joy Ann Scott
- 21 – Solange Conde Marcello
- 23 – Maria de Lourdes C. Figueiredo
- 24 – Luiz Carlos Guedes F. de Souza
- 25 – Marcus Rocha Marques
- 30 - Guido Jose Gomes Ferraz
- Francele Chaves Jacobsen

Junho

- 01 – Miguel dos Santos Bitana
- 03 – Patrícia Rocha
Renato de Medeiros Villela
- 06 – Cláudio Rogério Vicenti
- 07 – Maíla Lopes Porto Rodrigues
- 08 – Celso Gomes M. da Silva
- 09 – Nelson Augusto J. Brugger
- 11 – Marcos Vinicius Fontainha
- 13 – Danilo de Hollanda Fernandes
- 14 – Milena Piraccini Duchiate
- 16 – Lucy Mary Souza
- 17 --Natascha Krepsky
- 19 – Leia de Macedo Rocha
- 24 – Irene Trigona
- 25 – Claudia Helena Frias
- 28 – Alda Andrade
Norma de Almeida

**DIA 07 DE JUNHO TEMOS MAIS UM MUTI-
RÃO DE REFLORESTAMENTO DO SÁVIO NO
PÃO DE AÇUCAR.
PARTICIPEM!!**

Escalada Dedo de Deus

Gravada na Alma

Patrícia Rocha

Hoje é dia 2 de maio. Ontem eu escalei o Dedo de Deus! Como coloquei na cerjlist, meu sorriso não vai de orelha a orelha, dá volta. Aliás, voltas!!!

Tudo começou há mais de um mês e eu não sabia de nada. O Rafael e o Zé combinaram de me levar lá. O Rafael começou a falar que eu tinha um mês para me preparar. O tempo ia passando e ele sempre atualizava o tempo que me restava de preparação e eu sem saber para o quê. Mas, como eu já fazia parte da equipe de corrida da Penélope (Márcia D'Ávila), continuei correndo de duas a três vezes por semana.

Quinze dias antes do “tal acontecimento”, fomos ao Polegar. A Márcia Aranha pediu este presentão para o Rafael e a Márcia, ganhou, e lá fomos nós (além do Claudio Aranha, do Zé e do Iribarne). Nesse dia eu comentei que era legal estar desmistificando a trilha para o Dedo, quando ouvi o Rafael dizer: “e quase que isso não acontece antes de você ir lá”. Nem sei o que senti direito. Não lembro de ter reagido. Muito provavelmente eu pensei com os meus mosquetões: “Uau! Vou fazer o Dedo!!!”.

E o dia chegou! A minha ansiedade era mais por conta de não perder a hora, visto que combinamos de sair daqui do Rio às 5h. Rafael, Zé, Iribarne, Marcelo Rousselet e eu no carro às 5h10. Reforço no café da manhã no Garrafão e início da trilha às 6h45. Toca para cima.

A trilha é íngreme, é comprida, mas é só isso. Ouvi tantas histórias de que o pior do Dedo de Deus era a trilha, que quando a fiz, não achei isso. E passando por ela de novo, achei menos ainda. Fui na frente para ditar o ritmo. Dizem que eu voei. Viva a equipe de corrida da Penélope! Chegamos nas Pedras Soltas em 45 minutos.

Todos equipados, fomos aos cabos de aço e mais trilha. No colo entre o Polegar e o Dedo é que começou o desconhecido para mim e é onde começa a

escalada. Zé e eu partimos na frente. Rafael, Rousselet e Iribarne fomaram a segunda cordada.

A escalada ao Dedo de Deus é considerada um 3º grau. Mas, para

tudo beleza. Cai (e não foi a primeira vez) e voltei a escalar. Depois, veio o Pulo do Gato. Não consegui me ver fazendo o lance como tem que ser feito. Achei mais fácil ir pela esquerda



mim, é um terceiro grau diferente de uma parede com agarrinhas, etc. Tem lances lindos, mas que me deram trabalhinho. O posicionamento tem que ser bem pensado. A saída da Maria Cebola, por exemplo, é impossível para as minhas pernas e braços curtos. A única maneira que eu vi para subir na pedra foi segurando a corda. E como se não bastasse, caí depois de tirar a primeira costura. Com corda de cima é

(direita do Zé, que estava de frente para mim). Passei direitinho. Daí, veio o Passo do Gigante. Quando eu vi o Zé fazendo esse lance, pensei com os meus mosquetões: “eu não tenho esse tamanho todo de perna. Ai, ai”. Fiz como chaminé e no fim, cheguei mais para a esquerda, onde o espaço para a pular de pedra era mais de acordo com o comprimento das minhas perninhas. Chegamos à escada que

leva ao cume. Nessa hora, o querido Zé disse que eu ia na frente para chegar primeiro. Cheguei, andei um pouco, sentei, comecei a puxar a corda e lá veio o Zé. O tempo abriu, o sol apareceu, tiramos fotos, fizemos filmes, lanchamos, ligamos para pessoas queridas que ficaram torcendo por nós (não consegui falar com todas), papamos ... e nada da outra cordada! Uma hora depois, aparece o Rafael. Meia hora depois, aparecem os dois mulambos. Daí, o Rafael e o Zé começam a dizer que tinham que ter colocado um dos mulambos com o Zé e que eu deveria ter ido na outra cordada com o outro. Na mesma hora, protestei: “Ah, não! Para me atrasar?! Nem pensar! ”. Risada geral.

Depois do lanche dos três e das fotos de cume do grupo, fomos para o rapel da volta. Nessa hora, também pelas histórias que ouvi, fiquei apreensiva. Depois de ter feito o primeiro, outro mito caiu. Mas, caiu porque eu estava com guias excelentes que sabiam exatamente o que fazer e que passavam segurança total. E, como em todo rapel que faço, ouvi a Márcia Penélope: “Atenção!!! ”. Só achei desconfor-

tável montar o primeiro rapel porque temos que nos equilibrar em uma fita e um estribo, e ainda com o peso todo das cordas para baixo. De resto, é só ouvir os guias, prestar atenção no que faz e descer.

Mais dois rapéis e de volta à trilha, onde também tivemos que usar a corda por causa de trechos bem molhados. Alguns cabos de aço, trilha, cabos de aço e Pedras Soltas. Na vez do Rafael, que fechava os últimos rapéis, caiu uma chuva forte. Apreensão do grupo, mas como ele já estava acostumado a isso, tudo correu bem. Como a chuva era só pra ele (nós estávamos abrigados e sequinhos; estávamos com o Zé! :), assim que decidimos partir para a trilha, a chuva parou.

Zé foi na frente e eu o segui. Chegamos ao final da trilha e tivemos de novo (!!! :)) que esperar a “outra cordada”. Claro que não perdi a oportunidade de tirar onda e falei para o Rafael escolher melhor os parceiros de excursão quando eu estiver presente porque eles ficam me fazendo esperar. Risada geral.

Estrada, roupa seca e limpa, bucho forrado, muito papo e risos, e caminho de casa. Acordei hoje às 4h10 e percebi um sorriso no meu rosto. Sei que ele ficará aí por muitos dias e ele voltará a aparecer toda vez que eu lembrar desta excursão.

Quero aproveitar para exaltar



...e Pati Rocha.

mais uma vez o trabalho sem igual dos guias de montanha. Por amor ao montanhismo e por generosidade sem limite, eles programam uma excursão, acordam de madrugada, carregam um peso danado dos equipamentos, guiam, incentivam, ajudam, enfim, se doam para fazer os outros felizes. O CERJ tem muita sorte de ter os guias

que tem! E eu tenho muita sorte de fazer parte deste clube!

Um dia, eu li e guardei um artigo do Veríssimo, em que ele comentou uma citação de um outro escritor, Flaubert, sobre a insuficiência da linguagem. Escreveu Veríssimo: “Flaubert se referia à incapacidade do homem

expressar tudo o que sente com um instrumento imperfeito como a linguagem”. Eu entendo perfeitamente isso porque, Rafael e Zé, eu procurei palavras que expressassem o tamanho da mi-

nha gratidão à vocês e ... não encontrei.

Este dia está marcado para sempre na minha alma (e, assim, espero que na próxima encarnação eu já nasça montanhista :).

Pati Rochinha

No dia 18 de Abril fui ao Polegar acompanhando Rafael e Márcia, Zé, Pati, Márcia e Claudio Aranha. Na volta o Rafael me convidou para acompanhá-los ao Dedo no dia 1 de Maio. Fissurado que eu estava em voltar ao Dedo, não pensei duas vezes. Entramos na trilha às 06:45. No início estava admirando a disposição da Pati, e pensava comigo "vai ser mole para mim, já estive aqui à quase trinta anos passados e não me lembro de nenhuma dificuldade maior - vai ser tranquilo..." (ouvi então uma risadinha sinistra – HAHAHA...).

Fomos subindo, e aquela criatura cada vez com mais disposição. Foram apenas 45 minutos até a Chaminé das Pedras Soltas. Pensei comigo, "agora ela acalma... ". Chongas continuou alucinada cabo de aço acima, com o Rousselet comendo alface energético. O Zé ia à frente com ela, e o Rafael guiava o Rousselet e eu, e comecei a ficar preocupado quando aquela alface toda fosse processada... (eu era o último).

Iniciamos a escalada e pensei " AGORA ela acalma... ". Chongas outra vez, ligou o turbo e sumiu...

Comecei a escalar por volta de 09:30 e algo estranho acontecia: a via estaria mais longa e mais difícil? Ou eu sentia o peso dos anos sobre a minha cabeça? Enfim, toca para cima. Como estávamos com uma única corda, o Rafael às vezes abria mais da metade da corda por esticção e com isso eu subia meio à francesa com o Rousselet – beleza, era tudo o que eu queria... Chegamos à Maria Cebola (não existia - na época a gente subia pela Blac-kout) e eu pensei comigo: que P... de lance é esse? Quase voei, mas passei agarrando a corda, vento, pensamentos e etc...

Chego na chaminé seguinte e encontro o Rousselet comendo barrinhas energéticas light de uva passa da Antuérpia Sententrional... Quando esse cara explodir eu não quero estar perto...

E vamos subindo, e cada vez mais eu pensava "algo está errado, não foi essa a via que fiz, não é possí-

vel..." Comecei a contar piadas implu-
bicáveis para descontrair e cada vez
eu ria mais, só que de nervoso... O
"Passeio no Parque" quase virou visita
ao Trem Fantasma...

Chegamos no pulo do Gato, e agarra
grampo, fita, passei mais um. A vista
era belíssima, com um céu azul salpi-
cado de algumas nuvens altas, salinas
ao longe, e um tapete de nuvens bai-
xas vindo do Rio engolindo os cumes
da serra e Teresópolis. Fiz a chamine-
zinha (quase perdi a orelha no bico
de pedra acima) e chegamos ao Pas-
so do Gigante (lembrei da piada do
Gigante e do Anãozinho... – deixa pa-
ra lá). Aquela altura quase tive um
desmaio de prazer após fazer o lance
e ver aquele linda escada de ferro até
o cume: pelo menos isso melhorou - à
trinta anos ela era sinistra ...

Cume às 12:30, e ainda tive-
mos de aguentar a zoação da Pati se
achando. Falei para o Rafael: "a culpa
é sua - é por isso que deus não dá asa
à cobra". Mas a mulamba tinha crédito,
e de sobra... Depois de um ataque em
massa de Taturanas Assassinas
(uma quase comeu a minha jugular),
com a Pati não deixando a gente matar

nenhuma (só eu matei umas 30 sem
ela ver...) e o Rousselet analisando
se elas seriam comestíveis (será que
vai arder?), fomos para o rapel... E o
cara comendo mais coisas estranhas
que ele havia levado...

Eu certo de que a gente iria rapelar
pela Teixeira, quando ouço o Rafael
dando as instruções para a "Ramba"
de que quando ela entrasse no negati-
vo era normal ficar rodando. Resolvi
tirar umas fotos dela para descontrair
(tirei mais de 50... – acho que era o
Dedo que tremia).

Chegou a minha vez de des-
cer. Comecei a armar a descida e o
Rafael me pergunta: "ta bufando?" E
eu respondi: "é que eu adoro rapel,
ainda mais negativo..." E por falar em
"Bufa", ela chegou... Comecei a ou-
vir os pingos no capacete, mas feliz-
mente não foi adiante.

E vamos que vamos, e após alguns
passos penduradão no vazio, ou me-
lhor, abismo... Quando olho a panorâ-
mica em minha volta aparece flutuando
entre as nuvens o cume do Cabeça de
Peixe. Olho para cima e uma parede
de meter medo até o cume... Lembrei
do Velho: "MERMÃÃÃÃÃÃÃÃ" – e

não sei como não virei do avesso (não passava nem agulha). Alguns gritos e urros lembrando as histórias do Waldecy e deu tudo certo. Dali para baixo o restante foi “ mole ” .

Pensei comigo: “ beleza, caminhada até os cabos de aço da Chaminé das Pedras Soltas e acabou ” . Mais uma vez a risadinha sinistra (HAHAA...). Começaram os cabos de aço e as pedras molhadas na volta pela Teixeira. Isso não existia quando eu vim da outra vez – que delícia... E a Pati não cansava: só podia ser doping... Procurava descontraír (eu A-DORO cabo de aço...) vendo a deslumbrante visão dos Dedinhos a nossa frente e do resto da Serra que aparecia por entre as nuvens. Alguns rapéis nos piores trechos e chegamos aos cabos finais. A essa altura, o tempo fechou e a chuva era iminente. Tentávamos ser rápidos. Cantava algumas canções de ninar para descontraír e alegrar o ambiente, mas a Pati me reprovava... (não sei por que). Nisso olho para o Rousselet e o cara já ameaçava flutuar: a mistura explosiva estava atingindo o clímax. A chuva caiu pesada, e à exceção do Rafael, conseguimos sair

secos do último rapel e das Pedras Soltas.

Caminhada de volta, pensa que acabou? Mais uma vez a Pati so-me na frente com o Zé (já desisti de tentar entender de onde sai tanta energia – tenho algumas teorias...). Chegamos na estrada às 17:45, após 11:00 de muita ralação: foi uma coça após a outra. Abraços e mais uma vez a Pati “ engrena uma sexta ” e sai desembestada estrada acima (acho que as minhas teorias estão certas...) em direção ao Paraíso das Plantas. A esta altura o Rousselet já estava sendo rebocado por um cordelete, flutuando que nem um balão de gás (as cores dele variavam do verde ao roxo passando pelo amarelo...). A pressão interna era tanta que os olhos dele pareciam que iriam saltar das órbitas (lembrava aquele filme “ Total Recall ”) .

Brincadeiras e exageros à parte foi uma bela excursão, divertida, ótimas companhias, algumas ralações que fazem parte e dão o gosto. Para mim teve um sabor especial retornar ao Dedo após tantos anos. Muitas

lembranças passadas, nós na garanta, momentos de superação, medos e vitórias, e uma satisfação muito grande.

Zé, obrigado pela estadia na véspera, Rafael pela guiada e ao Rousselet pela companhia numa mes-

ma cordada dividindo a mochila (vamos deixar bem claro - SÓ a mochila...), e a todos pela parceria. E um parabéns especial a Pati. Arrasou, mandando muito bem. Deu show. Mulambada valeu MUUITO.

Gustavo Iribarne

Serra Fina

João Paulo (JP)

Algumas coisas na vida não acontecem por acaso, os amigos, os perrengues, as expedições e lógico, as memórias que irão nos acompanhar para o resto da vida. A travessia da Serra Fina é daquelas que ficam registradas em grande estilo na memória e também nos muitos arranhões do corpo após quatro dias de caminhada por belas cristas e acampamentos selvagens. Durante a travessia os valores são outros, basicamente as necessidades elementares vêm à tona como o que comer, onde captar água, qual a distância a ser percorrida e onde dormir. O mundo em pandemia de gripe suína, guerras, futebol, trabalho, jornal nacional e cia... caíram no esquecimento, adormecidos em algum lugar do cérebro, longe dos ouvidos e da mente.

A capacidade do time é medida pela resistência do mais fraco em determinado trecho, penso que a vitória é completa quando o último integrante do time se reúne aos demais e assim, com o grupo completo, é hora de relaxar, confraternizar ou simplesmente caminhar por mais seis horas, sendo essa apenas uma rápida parada para descanso.



Os mais sagazes hoje também podem passar por algum tipo de dificuldade e assim passar a fazer parte dos mais lentos. Basta apenas um pé torcido, que para a nossa sorte aconteceu no final da expedição, mais precisamente a três horas do final e mesmo assim deu trabalho... poderia ter complicado e muito as coisas caso a lesão fosse apenas um pouco mais grave.

O sentimento de grupo se manifesta em diversos momentos, na hora do vinho, da refeição quente do dia, na montagem das barracas, nas decisões, horários e divisão do peso. As tarefas comunitárias feitas com alegria e o Pink Floyd com seu poder único de promover viagem instantânea para outro lugar.... Quando a trilha fecha... tem sempre um esertinho que rapidamente fala "liga o aparelho"... O aparelho no caso é o GPS e eu não pretendo entrar na análise dos seus benefícios. Penso apenas que o seu uso tira o romantismo da coisa, pois errando aprendemos e aí não esquecemos mais. Para realizar travessias maiores é preciso conhecer as pequenas, subir a escada no compasso dos seus degraus e não ir direto a cobertura. É muito mais interessante se orientar pelos sinais da natureza que olhar fixamente para uma pequena tela de poucas polegadas.

Destaco a disposição e parceria do meu amigo Zé, a irreverência do Show, a disposição do Dex, a minha amizade sem igual com o André, Fernando e Gustavo. Eugenio o "veg" da turma, Ester grande amiga na montanha e também os novatos Moisés e Gisele.

Coisas não acontecem por acaso, cancelei a expedição por conta do trabalho, que por força do destino ajudou... como partimos em 22/abril e 23 era feriado apenas no RJ ficamos isolados no paraíso, a Serra e a gente, uma bela comunidade natural, natureza selvagem, que beleza de expedição.

Essa foi a terceira, daqui a dois anos a gente conversa.

JP





Acessos à base da via Ás de Espadas

Pessoal,

Temos dois acessos para chegarmos à base da via Ás de Espadas e às vias da face Sul do Pão de Açúcar:

- um é acessando pela trilha comum ao Lagartão. Pegando à direita, em curva de nível, vocês vão chegar a um costão de uns 20 metros, que sai praticamente à esquerda do Coringa;
- o outro, é indo até o fim da Pista Cláudio Coutinho, onde pega-se a trilha do Costão do Pão de Açúcar. No final desta primeira reta, tem um degrau de rocha; após esse degrau, a trilha vira para a esquerda até outro degrau de rocha; depois deste 2º degrau de rocha, a trilha se bifurca: a principal, da direita, é a do Costão e a da esquerda (subindo) é o acesso à Escadinha de Jacó e às vias de escalada.

Foram criados outros “caminhos”, que estão sendo fechados. Assim, pedimos que somente os dois indicados acima sejam usados e que esta informação seja divulgada.

Essas ações localizadas são fundamentais para a preservação dos platôs e trilhas, de forma a manter a qualidade ambiental e a paisagem para as próximas gerações de escaladores.

Assim, enfatizamos que o bosque abaixo da via Ás de Espadas não seja utilizado para acesso à base. A passagem de escaladores nesse bosque abaixo do platô acelera irreversivelmente sua degradação.

Contamos com a colaboração de todos.

FEMERJ, Abril de 2009

Exposição Fotográfica **Sobral**

O nosso sócio-fotógrafo SOBRAL PINTO comunica que, no mês de junho de 2009, reiniciará suas exposições, com fotos de sua autoria, em preto e branco, batidas, reveladas e ampliadas em seu próprio laboratório fotográfico particular.

Assim, o SOBRAL desejando comemorar os 68 anos da conquista da Agulha do Diabo, localizada no PNSO (Teresópolis – RJ), realizada na data de 29 de junho de 1941, com seus 2050 metros de altitude, pelo CEB através de seus sócios Giuseppe Toselli, Almy Ullissea, Roberto Menezes de Oliveira, Raul Fioratti e Gunther Buccheister, continua até hoje como um dos maiores feitos do montanhismo brasileiro.

Transcrevemos a seguir, relato constante do boletim do CEB, n. 288 de maio/junho de 1971:

“AGULHA DO DIABO – 30 ANOS – Era enervante presenciar os três denodados escaladores, dando auxílio um ao outro e revezando de funções, naquela descomunal altura, onde o mínimo descuido seria fatal. Assistimos o Toselli cravar mais um grampo na rocha, que se partiu quando foi experimentado, voltar ao trabalho com toda a coragem e sangue frio, cravando outro grampo para vencer mais um metro e ultrapassar uma saliência perigosa. Após esta, ainda faltava galgar uma pedra lisa, coberta de musgo molhado e escorregadio. Ficamos de respiração suspensa ao assistir esta passagem perigosíssima, quando Giuseppe Toselli pede aos companheiros auxílio de corda porque começava a deslizar pelo musgo traiçoeiro. Cautelosamente retrocede até o grampo anterior, firmando o pé, para fixar mais um grampo, sem o qual seria impossível alcançar a última etapa. Isto às 11:10 horas e precisamente às 11:30 horas conseguiu cravá-lo e, deitado, arrastando-se pela esarpa, aproveitando as menores saliências do rochedo, atingir o pico às 11:35 horas, exausto, mais feliz pela gloriosa escalada, saudando o Brasil, o Centro Excursionista Brasileiro e os seus companheiros. Era o dia 29 de junho de 1941.”

Este é o relatório emocionante dos montanhistas que se encontravam no cume do Pico São João, melhor local para se admirar e assistir a escalada.



Wal

Salo

Sóbral



Mônica Esteves

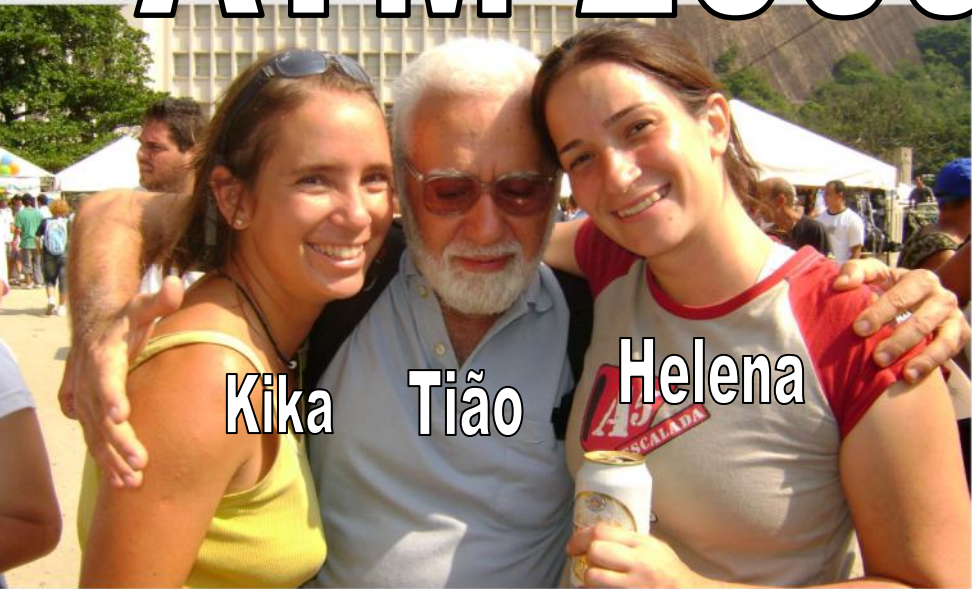
Salo

Sóbral

Zé August



ATM 2009



Kika

Tiãõ

Helena





sto, Wal, Gomes, Elias, Velho



Galera do CERJ



Genoveva



Galera do GAE



Tadeusz

Cyonira



Márcia, Carrô, Salô, Xaxá



Provando a cachacinha do Xaxá...

Sempre tive a curiosidade de saber detalhes do cotidiano montanhista de gerações passadas. As fotos abaixo, do nosso sócio fotógrafo Renato José Sobral Pinto que datam de 1957, mostram o “Bar do Angelo”, um bar que existia na Praça do Alto, em Teresópolis. Tenho registros que datam a década de 1930 que já citavam este bar como ponto de encontro de montanhistas indo ou vindo da serra. De lá, Gil Sobral Pinto, gestor do Parque por décadas e grande amigo dos montanhistas, designava um caminhão para buscar os escaladores. O Bar do Angelo seria nos dias de hoje, nosso Paraíso das Plantas ou o Posto Garrafão....

Helena Campello



Notas...

Felipe Dallorto e Rosane Vilela conquistaram mais um point de escalada em JPA, localizado no vale do Areal no Parque Estadual da Pedra Branca.

Trata-se de uma falésia muito parecida com o Poço Fundo em São José do Vale do Rio Preto por causa de sua extensão horizontal, porém menor. Batizamos de Falésia do Karrô, homenagem ao Carrozzino onde conquistamos um diedro com 25 metros em móvel. A falésia tem potencial para aberturas de várias vias, a maior parte da parede deve chegar uns 50 metros. A via se chama Anjos do Sol, 4º grau E2 25 metros. Peças necessárias; 1 nut nº 9 kong, Fri-ends 1,2,3,5 Rock Empire repetir o nº 5.

Maiores informações no site: www.escaladoresdejacarepagua.org

Na última Assembléia Geral do CERJ, foi aprovado por unanimidade proposta do Wal de conceder Título de Sócio Honorário a Tadeusz Hollup e Cyonira Ceres Hollup e Título de Sócio Benemérito a Renato José Sobral Pinto. Os três serão agraciados pelo CERJ por terem prestados relevantes serviços ao montanhismo brasileiro. Eles merecem!

Nos dias 06 e 07 de junho, haverá uma concentração serrana do CERJ. Serão feitos no sábado a Pedra do Sino e o Papudo e no domingo, em simultâneo, o São Pedro, Agulha do Diabo, Agulha da Neblina, Cara de Cão e Pedra da Cruz. Os CERJENESES ficarão baseados no Abrigo 04.

No dia 16 de junho farão 50 anos da conquista da Chaminé Brasília. Localizada no Pico da Agulha, em Pancas (ES), esta Chaminé ainda é a maior chaminé do Brasil e foi conquistada por Giuseppe Pellegrini, Nelson Bravin, Emil Mesquita, Carlos Russo e Rodolpho Kern, então os maiores especialistas em chaminés do MUNDO! Que timaço....

FOTO AO LADO: George White, Jean Pierre e Natanael na base da chaminé, 1973. Arquivo: Jean Pierre Von der Weid.



Caius Rollando da Rocha



Tia, é do mulambo ali!

De quem é o podrão?!?



Merrrão! Me deu um soninho escrever pro boletim.....

Ai nãooooooooo!!!!

Socorroooo!! Ahahahahahahah....



Centro Excursionista Rio de Janeiro

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Sede Própria: Av. Rio Branco, 277/805
Edifício São Borja - 20047-900
Rio de Janeiro - RJ

Tel: 0 xx 21 2220-3548

WWW.cerj.org.br

Cerj@cerj.org.br

Reuniões sociais:
Quintas-feiras a partir das 20 horas